



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Teoria do gênero e psicanálise

Marcus do Rio Teixeira

Psicanalista

Membro do Campo Psicanalítico de Salvador (Bahia, Brasil)

Diretor da editora Ágalma (Salvador, Bahia, Brasil)

Autor de *O Espectador Ingênuo - Psicanálise, Literatura, Cinema e Música* (2012) e *Vestígios do Gozo* (2014),
entre outros.

E-mail: marcus@agalma.com.br

Resumo: O autor aponta a discordância entre a teoria do gênero e a teoria psicanalítica, mostrando a contradição entre a noção de gênero e os pontos centrais da teoria da sexuação, elaborada por Lacan. A noção de gênero é apresentada como aquela que permite desvendar a realidade opressora do sexo. A posição da psicanálise não legisla sobre a forma de gozo de cada um, não defende a moral e os "bons costumes". Ela se sustenta no real da clínica, razão porque não substitui os conceitos da teoria psicanalítica pelo jargão de movimentos ideológicos.

Palavras-chave: psicanálise; teoria de gênero; gozo; real; sexuação.

Théorie du genre et psychanalyse

L'auteur identifie la discordance entre la théorie du genre et la théorie psychanalytique, montrant la contradiction entre la notion du genre et les points centraux de la théorie de la séxuation, élaborée par Lacan. La notion de genre est présentée comme celle qui permet démêler la réalité oppressive du sexe. La position de la psychanalyse ne légifère pas sur la forme de jouissance de chacun, ne préconise pas la morale et les «bonnes manières». Elle est basé sur le réel clinique, raison pour laquelle on ne remplace pas les concepts de la théorie psychanalytique par le jargon des mouvements idéologiques.

Mots-clés: psychanalyse; théorie de genre; jouissance; réel; séxuation.

Theory of gender and psychoanalysis

The author points out the discordance between the gender theory and the psychoanalytical theory, showing the contradiction between the notion of gender and the central points of the conception of sexuation, elaborated by Lacan. The notion of gender is presented as one that allows the unravelling of the oppressive reality of sex. The psychoanalysis position does not legislate on the form of enjoyment of each, does not advocate morality and "good manners". It is based on reality of the clinic, which is the reason why we don't replace the concepts of psychoanalytic theory by the jargon of ideological movements.

Keywords: psychoanalysis; gender theorie; enjoyment; real; sexuation.

Teoria do gênero e psicanálise¹

Marcus do Rio Teixeira

É notória a influência da teoria do gênero nas discussões contemporâneas acerca da sexualidade. Obra de autores provenientes do meio acadêmico norte-americano, dentre os quais se destaca Judith Butler, é o resultado da junção de certas correntes do feminismo com uma leitura muito particular de diversos autores, reunidos sob a designação de “*french theory*” (o que supõe que a nacionalidade seja um traço comum que possa unir nomes tão díspares quanto Lacan, Foucault e Derrida). A partir dessa abordagem, os psicanalistas são interpelados a responder às novas questões referentes ao sexo – ou ao *gênero*, noção que essa teoria impõe e que delimita, de antemão, o campo da discussão.

Se a tentativa de impor uma determinada terminologia é uma pretensão comum no debate acadêmico, a inovação aqui consiste em desqualificar antecipadamente o adversário teórico, fazendo recair sobre as contestações à noção de gênero a pecha de “conservadoras”, “patriarcais” ou “homofóbicas” e assimilando-as à posição de grupos ultra religiosos. Qualquer discussão nesse ambiente maniqueísta tem seu resultado previamente definido: dado que a noção de gênero é apresentada como aquela que permite desvendar a realidade opressora do sexo, que defende as mulheres, os homossexuais e os transexuais da violência, o questionamento teórico de tal noção constitui prova suficiente de que o adversário se situa no campo do opressor.

Não é possível debater com quem adota, como *parti pris*, a concepção da psicanálise como “um modo de subjetivação abusivo e elitista” (Boucher, 2015, p. 13) e considera que o simples fato de questionar as suas ideias já define aquele que questiona como um defensor do preconceito e até mesmo da violência contra as mulheres, os *gays*, etc. Ao mesmo tempo, temos observado, nos últimos anos, em alguns textos de psicanalistas, a presença da noção de gênero para falar sobre a sexualidade. Aqui, trata-se de colegas que se situam no campo da psicanálise e, em alguns casos, têm como referência teórica e clínica o ensino de Lacan. Nesse caso, creio que é possível o diálogo entre pares, buscando demarcar os campos teóricos e definindo o ponto de vista da psicanálise acerca da sexualidade – termo que Lacan adotou para se referir ao processo de definição da identidade sexual dos seres falantes.

Poderíamos dirigir a esses colegas as seguintes questões: qual o sentido da noção de gênero tal como é definida por Butler e seus seguidores; qual a sua possível contribuição para compreender o processo que define a identidade sexual; qual a relação dessa noção com a teoria psicanalítica, sobretudo com a teoria lacaniana; qual a concepção de sexualidade que a sustenta; e, finalmente, se tal concepção é compatível com a teoria psicanalítica ou se parte de pressupostos que a contradizem. Penso que são estas as questões relevantes para um psicanalista em um questionamento preciso, desprovido da comoção dos discursos políticos de condenação do preconceito ou do louvor das escolhas de objeto não heterossexuais.

Lacan foi o primeiro psicanalista na França a comentar, no seu *Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante* (1970-1971/2009), a obra pioneira de Robert Stoller, *Sex and Gender*, quando esta ainda não possuía uma tradução francesa. Nesse livro, Stoller propõe a noção de *gender identity* (identidade de gênero), que Lacan não rejeita, pelo contrário, afirma que ela define as identidades de que o sujeito necessita para estabelecer algum tipo de laço sexual com seu(a) parceiro(a). Porém, para Lacan, essa construção permanece na dimensão do imaginário, ou seja, do que ele chamava então de *semblant* (semblante), no sentido da forma como os seres falantes se apresentam enquanto seres sexuados para os pequenos outros, para os semelhantes: "Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem [...]. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante" (Lacan, 1970-1971/2009, p. 31).

Apesar de ser importante, o semblante, tal como é definido nesse seminário, não é para Lacan o fator determinante na sexuação, conforme ele a definirá mais tarde. Esta, como veremos a seguir, diz respeito ao simbólico e ao real. Já no que concerne ao semblante, trata-se de um jogo imaginário do *parecer*, que Lacan denomina, na mulher, de *mascarada*, e, no homem, de *desfile* ou *parada* [*parade*]. Os traços imaginários que constituem o semblante são fornecidos pela cultura, na qual, o sujeito vai buscar os traços com os quais irá preencher, imaginariamente, os lugares estabelecidos pela diferença simbólica. De onde vocês pensam que os "trans" retiram os elementos para compor a sua identidade sexual, senão da cultura? Assim, o transexual entrevistado por Lacan, ao ser perguntado sobre o que significava "ser mulher", respondeu: "As mulheres são meigas e delicadas"; resposta que, segundo Catherine Millot (1985, p. 7), divertiu Lacan imensamente.

Tais condutas são contingentes e mutáveis: evidentemente, não são as mesmas no Japão e no Brasil, tampouco são as mesmas no Brasil do início do século 20 e do século 21. Mas se, por um lado, Lacan aproxima o semblante da noção de *identidade de gênero*, reduzir a sexuação a essa noção é um caminho teórico oposto àquele que ele postula. Além disso, ele jamais considerou o semblante como uma imposição a ser combatida, um tema de luta política, até porque é a partir dele que o ser falante se faz reconhecer como ser sexuado pelo(a) parceiro(a). Assim como ninguém se expressa por intermédio de um idioleto, mas utiliza os elementos da língua para proferir a sua fala, o ser sexuado recolhe da cultura da qual faz parte os elementos imaginários para compor a sua identidade sexual.

Na época do *Seminário 18* (1970-1971/2009), era essa a forma como Lacan teorizava a sexuação. A partir das fórmulas da sexuação, apresentadas no texto "O Aturdido" e desenvolvidas a seguir no *Seminário 20: mais ainda* (1972-1973/2008), ele vai introduzir uma importante modificação na sua teoria. Para Colette Soler:

Se a gente se volta para a questão da identidade sexual, a tese de Lacan durante muito tempo, até 1972, precisamente, foi: "Não há identidade sexual". Há

claro, um significante, um semblante, o falo [...] mas esse significante não fornece uma identidade sexual. Ao contrário, ele projeta todas as manifestações sexuais, como diz Lacan, ao nível do parecer, logo ao nível do teatro, especificamente da comédia. É verdade que há uma comédia da relação entre os sexos – fazer o homem, fazer a mulher – mesmo no campo homossexual. E isso foi a tese de Lacan durante tantos anos que ele até dizia que o próprio ato sexual, o coito, não dava prova de nenhuma identidade sexual.

Em 1972 ele vai introduzir evidentemente algo diferente, algo novo no *Aturdido* [...] com o que nós chamamos agora as fórmulas da sexuação. As fórmulas da sexuação designam duas identidades sexuadas, duas identidades de gozo – a toda-fálica e a não-toda fálica. E com isso, pela primeira vez, Lacan introduziu um fator identitário no nível do real do gozo. (Soler, 2014, p. 26)

Lembremos, muito resumidamente, que Lacan define, nas fórmulas da sexuação, as posições masculina e feminina enquanto *posições de gozo*, dividindo os seres da fala em dois conjuntos a partir de duas posições que um x indeterminado pode tomar em face de uma função, dita função fálica: *todo* ou *não-todo* concernido por essa função. Tal divisão não diz respeito à anatomia, tampouco se confunde com as escolhas de objeto. Os termos “homem” e “mulher” empregados por Lacan não se referem estritamente ao casal heterossexual, mas dizem respeito a *posições de gozo* que existem também no casal homossexual. Dessa forma, homens ou mulheres, por sua anatomia, e hetero ou homossexuais, por suas escolhas de objeto, podem se situar nas posições de gozo sem uma determinação fixa.

Isso já deveria ser suficientemente conhecido a essa altura, se não por todos os leitores de Lacan, pelo menos pelos analistas lacanianos. Por incrível que pareça, encontramos, ainda hoje, quem trate essas fórmulas como prova de um suposto conservadorismo de Lacan por se referirem, segundo eles, ao casal heterossexual. Notem ainda que, para Lacan, não se trata de afirmar que *o homem é aquele que é todo fálico*, mas que, se considerarmos um x indeterminado e reconhecermos esse x como *todo* no que diz respeito à função fálica, ou seja, totalmente concernido por esta função, somente a partir daí podemos chamar esse x indeterminado de *homem*. Portanto, para Lacan, não há uma essência masculina prévia que determinaria a inscrição de um ser falante como *todo* na função fálica, mas é essa inscrição que, logicamente, permitirá a este situar-se na posição masculina. Uma vez que um sujeito se situa do lado masculino, sua relação ao gozo se restringirá ao gozo fálico, e ele não terá acesso ao gozo Outro.

No que diz respeito a uma mulher, ser não-toda inscrita na função fálica significa ser não-toda inscrita no gozo fálico, pois ela também tem acesso a um gozo Outro, “suplementar” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 79). Ela terá uma relação com a função fálica que, embora lhe garanta um uso pleno de tal função, não constitui o *todo* da sua relação ao gozo. “Não é porque ela é não-toda na

função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está nela não de todo. Ela está à toda. Mas há algo a mais” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 80). Acerca desse “a mais”, gozo fora do simbólico², Soler comenta os efeitos de errância ou mesmo de devastação que ele pode ter para uma mulher. Mas ele é também o que possibilita a ela ter uma relação ao gozo não limitada pelo significante, ao contrário do homem, preso ao Um fálico.

Nesse ponto, estamos diante da dimensão da alteridade do sexo. Esta não havia sido teorizada até então na psicanálise, lembrando que, para Freud, os dois sexos se definiam em relação a um único elemento simbólico, o falo, a partir da conjugação do verbo *ter*: homem e mulher, situando-se, respectivamente, como fálico (que tem o falo) e castrado (que não o tem). Nessa teorização, o campo feminino só existe enquanto negatividade em relação ao masculino. Daí a grande dificuldade de Freud em relação à feminilidade, que constituía para ele um “continente negro”.

Lacan define, portanto, a feminilidade enquanto alteridade em relação ao falo. Essa dimensão da alteridade não se restringe ao casal heterossexual, como lembra Charles Melman:

[...] essa dimensão da alteridade é, portanto, a condição do desejo, do endereçamento desse desejo e de seu exercício. Poderíamos nesse aspecto ressaltar que mesmo no interior desses casais que buscam realizar a homogeneidade – casais homossexuais – essa dimensão da alteridade, entretanto, não deixa de se revelar em ação entre eles, ou seja, malgrado essa aspiração à semelhança, à similitude, haverá entre eles uma repartição, e que fará com que um ou uma se encontre, em relação ao outro, sustentando essa posição. (Melman, 2007, tradução minha)

Assim, quando Judith Butler, afirma que “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2015a, p. 69), ela reduz o que seria da ordem da identidade ao caráter meramente performativo de atos, condutas, maneiras de agir, etc. Ou seja, do ponto de vista da teoria de Lacan, isso diria respeito estritamente ao componente imaginário da sexuação.

Butler parece deter-se no semblante, que Lacan destaca quando insiste no aspecto da *mascarada*, do parecer, em textos como “A significação do falo” (Lacan, 1958/1998), citado por essa autora. Ela parece entender a forma como Lacan trata a mascarada, nesse artigo, como um fundamento teórico para a constituição da sua noção de gênero enquanto distinta de uma identidade sexuada, como uma pura construção sem outra consistência senão a permanência ao longo do tempo. Butler executa uma hipérbole da teoria lacaniana: se a forma como os sujeitos se apresentam aos seus parceiros, enquanto seres sexuados, é feita com o recurso imaginário de um parecer, *logo*,

para ela, tudo o que diz respeito ao sexo se resume a um jogo de máscaras, e as identidades sexuais se dissolvem nesse jogo.

Isso explica a sua exaltação do travestismo, que não é casual, mas uma decorrência lógica da sua concepção das identidades sexuais como um puro jogo de aparências. Segundo essa lógica, o travesti, que executa uma mascarada da mulher, deve ser considerado uma mulher, tanto quanto um indivíduo com uma anatomia feminina. Na verdade, para Butler, ele deve ser considerado *mais legitimamente* uma mulher, uma vez que nele a feminilidade seria vivenciada sem o "álibi" da anatomia, em sua essência de pura aparência, como uma paródia: "Ao imitar o gênero, a drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência" (Butler, 2015a, p. 237).

Quanto à determinação da linguagem, esta é entendida por Butler como veículo de transmissão e imposição de normas sociais às quais os indivíduos são submetidos, cujos exemplos mais marcantes seriam o nome e o gênero, este último restrito à "heteronormatividade". Assim, a autora ressalta o poder da fala, que atribui um nome e um gênero ao neonato antes que este possa escolher, antes mesmo que ele tenha condição de compreender o que eles significam.

Um ponto para o qual venho chamando atenção é que designação de gênero é algo que nos acontece. É uma interpelação a contragosto. E, nesse sentido, a construção social do gênero sempre começa de modo radicalmente involuntário. Pode-se debater quais aspectos do gênero são inatos ou adquiridos, mas é mais importante reconhecer o efeito involuntário da designação de gênero e a resistência profundamente consolidada [de alguns] a tal designação. Essa resistência pode ser crucial para a sobrevivência e conformar um preceito básico da identidade de alguém. (Butler, 2015b)

Essas observações parecem ecoar a tese de Lacan de que o sujeito é alienado originalmente aos significantes do Outro. Mas devemos ficar atentos para uma diferença teórica crucial: ao acentuar o caráter determinante da linguagem, Butler considera tal determinação como a imposição de normas sociais, padrões de conduta, etc. Ora, para Lacan, o campo da linguagem diz respeito ao significante, não podendo ser reduzido à mera função de comunicação. A comunicação, aliás, será sempre precária, uma vez que a nossa espécie não dispõe de um repertório instintivo de signos sonoros associados naturalmente a referentes, sendo a nossa linguagem marcada pela ambiguidade e pelo mal-entendido.

Já Butler entende a linguagem como fonte de injunções, veículo de transmissão de estereótipos culturais. Dessa forma, ela toma a alienação primeira aos significantes do Outro como alienação política. Essa leitura não é sem consequências, sendo a mais importante a negação radical do conceito lacaniano de Simbólico, identificado por ela às normas sociais. Dessa forma, ela conclui:

A afirmação do Simbólico como inteligibilidade cultural em sua forma presente e hegemônica consolida efetivamente o poder dessas fantasias, bem como dos vários dramas dos fracassos da identificação. A alternativa não é sugerir que a identificação deva tornar-se uma realização viável. Mas o que parece realmente acontecer é uma romantização ou mesmo uma idealização religiosa do "fracasso", uma humildade e limitação diante da Lei, o que torna a narrativa de Lacan ideologicamente suspeita. (Butler, 2015a, p. 105)

E ela conclui, fazendo referência a Nietzsche: "A teoria lacaniana deve ser compreendida como uma 'moral do escravo'" (Butler, 2015a, p. 106). Ora, se, como vimos, não se trata para Lacan de supor uma essência masculina ou feminina anterior à relação do sujeito a função fálica, mas é essa relação, *toda* ou *não-toda*, que irá defini-lo enquanto masculino ou feminino. Isso significa que as identidades de gozo para Lacan nada têm a ver com as atribuições imaginárias culturalmente definidas acerca do masculino e do feminino. Soler assim define essa teorização de Lacan:

Insisto em tornar sensível o esforço feito por Lacan para formular uma diferença que não decorre do juízo de atribuição, isto é, que não funciona de acordo com a forma – os homens são isto e as mulheres são aquilo –, forma esta em que se manifestam todas as ideologias sobre a questão, e que sempre supõe, por trás da atribuição, a referência a uma substância. (Soler, 2005, p. 225)

Assim sendo, se a diferença sexual, tal como é teorizada por Lacan, não decorre de nenhum juízo de atribuição, se as identidades de gozo não estabelecem que "os homens são isso e as mulheres são aquilo", onde estaria então, no quadro das fórmulas da sexuação, que os homens são agressivos e as mulheres são delicadas, os meninos se vestem de azul e as meninas de cor-de-rosa? Onde localizaríamos, nesse quadro, o caráter performativo da sexualidade, ou, como anteriormente assinalado em Butler, o "conjunto de atos repetidos" que visa "produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser"? Em outras palavras, onde está o gênero na teoria lacaniana da sexuação? A resposta é evidente: em lugar nenhum. Lacan produziu uma teoria da sexuação que *nada tem a ver com o gênero*. Isso porque a sua teoria define as identidades de gozo a partir do simbólico e do real, mas não do imaginário.

Se Butler, com sua teoria do gênero, pretendendo inspirar-se, ainda que parcialmente, na teoria de Lacan, recusa o simbólico, considerando-o como uma noção religiosa, reduz as leis da linguagem a um conjunto de falas que transmitem normas culturais, e restringe o papel da linguagem à troca de mensagens entre interlocutores – algo que, segundo a terminologia de Lacan, seria definido como o Imaginário – e onde ficaria, nessa teoria, o Real? Esse registro é totalmente excluído:

primeiro, enquanto *real do corpo*, uma vez que, como vimos, o sexo anatômico é considerado irrelevante, numa leitura simplista do caráter determinante da linguagem. Em seguida, é excluído enquanto *impossível*, uma vez que não há mais o impossível da relação [*rappor*t] sexual. A própria dimensão da alteridade é excluída, pois o Outro enquanto Outro sexo é substituído pelo pequeno outro, o semelhante, o qual se encontra numa posição intercambiável com a do(a) seu(sua) parceiro(a) numa relação especular *a/a'*.

Para aqueles colegas que tomam como referência o ensino de Lacan e, ao mesmo tempo, citam Butler como uma referência importante para entender a sexuação, estes poderiam nos esclarecer como esta teoria poderia nos ajudar a compreender melhor a sexuação, já que considera o simbólico uma instância religiosa, que exclui o Outro enquanto instância terceira – uma vez que reduz a linguagem ao diálogo entre interlocutores, semelhantes, pequenos outros –, que exclui o Outro enquanto alteridade do sexo, uma vez que considera que os parceiros se situam em posições idênticas enquanto encenadores de gêneros performativos.

Dito isso, quero lembrar que não se trata apenas de um debate acadêmico ou de uma discussão teórica restrita às instituições psicanalíticas. A noção de gênero e as construções decorrentes se fazem presentes na sociedade e adquirem relevo em diversos setores. Para citar um único exemplo, recentemente um estabelecimento de ensino, o Colégio D. Pedro II, se tornou notícia na mídia por abolir a distinção entre uniformes masculinos e femininos e eliminar a diferença de gênero na língua após um episódio envolvendo um aluno, nascido com anatomia masculina, mas que se identifica imaginariamente como sendo do sexo feminino, que foi impedido de entrar no colégio vestindo uma saia. Segundo o reitor da instituição, Oscar Halac:

A novidade é que não se determina o que é uniforme masculino e o que é uniforme feminino, apenas são descritas as opções de uniforme do colégio D. Pedro II. Propositamente, deixa-se a critério da identidade de gênero de cada um a escolha do uniforme que lhe couber. [...] Procuramos de alguma maneira contribuir para que não haja sofrimento desnecessário entre aqueles que se colocam com uma identidade de gênero diferente daquela que a sociedade determina. Creio que a escola não deve estar desvinculada de seu tempo e momento histórico. A tradição não importa em anacronia, mas pode e deve significar nossa capacidade de evoluir e de inovar. (Colégio Pedro II, 2016)

O magnífico reitor nos brinda, dessa forma, com sua teoria da sexuação. Para ele, não há uma instância Outra à qual o sujeito se reporta na constituição da sua identidade sexual. Há uma "imposição da sociedade" sobre um sujeito neutro. Este, se deixado à vontade, pode definir a sua identidade sexual por meio de uma escolha voluntária, consciente e egóica. Como se escolhe uma calça ou uma saia.

Ora, para a psicanálise, o fato de alguém apresentar uma identidade sexual (imaginária ou simbólica) que não corresponda à sua anatomia não constitui uma patologia. Deveria ser desnecessário lembrar que a desvinculação entre o sexual e a natureza no humano foi postulada inicialmente por Freud no início do século 20. A questão é se, a pretexto de evitar que alguém se sinta constrangido, deva ser abolida qualquer referência à diferença sexual. Esse caso emblemático nos mostra que o debate ultrapassa as fronteiras da academia e chega até as escolas. Creio que os psicanalistas devem superar o receio de serem identificados como conservadores e vir a público expressar a posição da psicanálise, sustentada não nas ideologias da moda, mas no real da clínica. Se não cabe a um psicanalista legislar sobre a forma de gozo de cada um, fazer o papel de defensor da moral e dos "bons costumes", tampouco lhe cabe substituir os conceitos da teoria psicanalítica pelo jargão de movimentos ideológicos.

Notas:

¹ O presente artigo foi apresentado no VI Simpósio do ISEPOL, no Rio de Janeiro, em 30 de setembro de 2016. Seu conteúdo foi desenvolvido a partir de ideias já trabalhadas em outros artigos, que se encontram publicados (Teixeira, 2015a; 2015b; 2016).

² "[...] esse gozo do Outro, é aí que se produz o que mostra que tanto o gozo fálico é fora do corpo quanto o gozo do Outro é fora da linguagem, fora do Simbólico (Lacan, 1974/2011, p. 32), referindo-se à localização no nó borromeano, na junção do real com o imaginário.

Referências bibliográficas

- Bourcier, M.-H. (2015, set.). Entrevista a Pedro Paulo Gomes Pereira. *Revista Cult*, (205), 11-15. São Paulo: Bregantini.
- Butler, J. (2015a). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2015b). Sem medo de fazer gênero [Entrevista]. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/233613-sem-medo-de-fazer-genero.shtml>
- Colégio Pedro II extingue distinção de uniforme por gênero (2016, set.). *O Globo*. Recuperado de <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/colégio-pedro-ii-extingue-distincao-de-uniforme-por-genero-20139240>
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1970-1971).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1972-1973).

- Lacan, J. (2011, dez.) A terceira. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (62), 11-36. São Paulo: Eólia (Trabalho original publicado em 1974).
- Melman, C. (2007). *Aimons-nous encore des femmes?* Recuperado de www.freud-lacan.com.
- Millot, C. (1985). Transexualismo. *Transcrição*, (1), 07-23. Salvador: Clínica Freudiana.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Soler, C. (2014, nov.). Possibilidade de uma ética não individualista da psicanálise. *Stylus – Revista de psicanálise*, (29), 23-29, Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.
- Teixeira, M. R. (2015a). O império do semblante. In Pereira da Silva, J. A. (Org.). *Topologia da fala* (pp. 177-189). Salvador: Associação Científica do Campo Psicanalítico.
- Teixeira, M. R. (2015b). Notas sobre a teoria de gênero e a psicanálise. Recuperado de <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1283/notas-sobre-a-teoria-do-g%C3%AAnero-e-a-psican%C3%A1lise.pdf>.
- Teixeira, M. R. (2016). Identidades de gozo/identidades sexuais nas fórmulas de sexuação. Recuperado de <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1298/identidades-de-gozo.pdf>.

Citação/Citation: Teixeira, M. R. (mai. a out. 2016). Teoria do gênero e psicanálise. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11(22), 68-77. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v11n22p68-77.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 05/08/2016 / 08/05/2016.

Aceito/Accepted: 18/08/2016 / 08/18/2016.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.